

6ª PARTE

O LIVRO DA ACADEMIA

ESCAPADOS DA GAVETA

Flávio Leitão

SUMÁRIO

- Algumas achegas à história da Neurologia e da Neurocirurgia
- O Abraço Vazio. ATENÇÃO!!!!
- Elogio à Maria Adamir Leitão de Carvalho
- Natal
- A Coexistência Harmoniosa entre contrários
- Não consigo ter raiva de pobre
- A ventura de gamalielzinho

ALGUMAS ACHEGAS À HISTÓRIA DA NEUROLOGIA E DA NEUROCIRURGIA

Caríssimas congreiras, prezados confrades.

Não vou comentar a fala do meu apresentador, porque irmão é para essas coisas mesmo: minimizar os defeitos e enaltecer as virtudes, se as houver.

O Coordenador da Comissão Científica da ACM - Acadêmico Roberto Misici, há pouco mais de um mês, solicitou-me que substituísse o colega que faria a palestra de hoje, e que eu apresentasse a história da Neurologia e da Neurocirurgia.

Como por muitos anos eu expus este tema na disciplina de Bases da Técnica do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da UFC, bem como na disciplina Optativa de Neurocirurgia, julguei que não seria um trabalho tão árduo.

Para os alunos, que de uma maneira geral, admitem que falar sobre História num curso de Medicina era perda de tempo, eu justificava a apresentação dizendo, como a expressão maior da literatura hispânica - Miguel de Cervantes Saavedra, referindo-se à História: História é o êmulo do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente e advertência do porvir.

E para não ficarmos só numa citação, lembrávamos a afirmação do escritor e poeta romano Caio Salústio Crispo (86 a.C.) que disse: dentre as atividades do espírito, a mais útil de todas é a História, que é a memória dos feitos importantes realizados”.

Mas como disse Anatole France - como classificar um fato como importante?

Então, resolvemos iniciar a apresentação da história da Neurologia e da Neurocirurgia passando, a vol d’oiseaux, pelo que julgamos mais importante na história da Neurocirurgia, nas Américas do Sul

e Central, para depois adentrarmos a história da Neurologia e da Neurocirurgia no Ceará.

Quem vai ao Museu Nacional de Antropologia e Arqueologia do Peru, ou ao Museu do Ouro, também em Lima encontrará mais de 15 mil crânios, alguns com sinais de terem sido submetidos à craniotomia e o que é mais impressionante: em 75% das craniotomias há sinais de regeneração tecidual, logo, houve 75% de sobrevivência num procedimento cirúrgico que no século XVIII, 300 anos depois, tinha quase 100% de mortalidade, a ponto de ter sido determinada sua suspensão, na Europa.

Arqueologistas comprovam a presença do homem nas regiões andinas no fim da era glacial, portanto, há mais de 10 mil anos.

E estudos com Carbono 14 comprovam nos crânios do Museu de Lima a presença do homem nos Andes peruanos, há mais de 8 mil anos.

Uma das civilizações que se desenvolveu nos Andes foi a Civilização Moche.

Através da arte em porcelana e barro, eles mostraram o reconhecimento de doenças neurológicas, como a paralisia facial periférica.

Dentre os povos que floresceram no hostil ambiente dos Andes sobressaíram os Incas que se organizaram em dinastias tendo sido seu último representante, Atahualpa, que reinou praticamente do Equador, Peru, Bolívia até parte da Argentina e do Chile.

Infelizmente, esta civilização foi atacada pelos espanhóis, a título de expandir a fé cristã. O nobre Francisco Pizarro a mando da Joana de Castela e Filipe, seu marido, Reis cristãos da Espanha, invadiram o Peru com 197 homens, aprisionaram Atahualpa e negociaram com os indígenas a libertação de Atahualpa em troca de toda a riqueza em ouro, prata, joias acumuladas pelos indígenas. Depois dos silvícolas

terem dado toda sua riqueza, Pizarro determinou que Atahualpa fosse queimado. O Rei dos Incas pediu para não ser queimado, pois o fogo poderia destruir sua alma e Atahualpa terminou sendo morto no torniquete, e esquartejado, tendo sido destruída a Civilização Inca que praticava neurocirurgia. Não é, portanto, invenção de políticos brasileiros a utilização do nome de Deus para se cometer maldades.

Comprova-se a existência de procedimentos cirúrgicos pelos Incas nas inúmeras craniotomias encontradas no Museu Nacional do Peru, com reposição do retalho ósseo ou com uso de placas de ouro, perfeitamente adaptadas à craniotomia, através de uma cola vegetal de alto poder adesivo.

Confirma-se o conhecimento de Neuroanatomia por parte dos Incas, uma vez que há inúmeras craniotomias, com a preservação do osso sobre os seios longitudinal superior, transversos e occipital.

Poderíamos estar nos perguntando agora por que eles desenvolveram tanto a Neurocirurgia? Provavelmente como consequência do seu instinto guerreiro, criaram armas para imobilizar seus adversários e a quantidade excessiva de trauma craniano trouxe, paradoxalmente, o benefício do domínio na arte de fazerem uma craniotomia com a finalidade de tratamento da epilepsia, retirada de maus espíritos e, principalmente, para tratamento do traumatismo crânioencefálico.

Na América Central, os Astecas também tinham conhecimento de doenças neurológicas, tanto que Arqueologistas descobriram inúmeros vasos com a representação de paralisia facial periférica.

Só no século 16 surge o mais elaborado estudo de anatomia na famosa obra de Andreas Vesalius - *De Humani Corporis Fabrica*. É verdade que ao talento de Andreas Vesalius juntaram-se grandes nomes da pintura clássica da época, dentre os quais, Ticiano que trabalhava no atelier do próprio Vesalius.

E somente no século 19 é que a Psiquiatria e a Neurologia se estabelecem como especialidades clínicas às custas do conhecimento de trabalhos de grandes cientistas como os estudos de patologia de Virchow, Alzheimer e Spielmeyer, de fisiologia de Bel, Magendie e Hall, de mapeamento do córtex cerebral por Paul Broca e dos estudos de microscopia do Sistema Nervoso Central (SNC) de Remak, Golgi e Cajal.

No século XX surgem as três mais importantes escolas de Neurologia da Europa: na França com Jean-Martin Charcot, na Alemanha com Erb e Oppenheim e na Inglaterra com Gowers.

Aterrissemos na Terra de Araken. No início do 2º Milênio fomos instados (Vicente Leitão e eu), pelo então Presidente desta Arcádia - confrade Paulo Picanço para escrevermos a história da Neurologia e da Neurocirurgia no Ceará, para ser apresentada na bienal desta Academia.

Em 2009 elaboramos o Livro *História da Neurologia e da Neurocirurgia no Ceará* que tem capa do artista plástico Xiquim Aragão.

Estávamos alertados pelo viperino e mordaz crítico da era vitoriana, o escritor Oscar Wilde de que todo mundo pode fazer história, mas só um grande homem pode escrevê-la. Embora não nos encaixássemos no perfil exigido por Oscar Wilde, aceitamos o desafio com a orientação do Historiador e Senador Romano Públio Cornélio Tácito de que deveríamos contar a história *sine ira et studio* - sem raiva, nem proteção. Reconhecíamos a dificuldade de contar a verdadeira história, afinal de contas, sabíamos da afirmação de Diógenes, o filósofo grego do grupo dos cínicos de que a verdade é a vontade de cada um. E para comprovarmos a imensa dificuldade em se contar a verdadeira história, o Prof. Cláudio Moreno da Universidade Federal do Rio Grande do Sul diz que o grande conquistador persa Dario quando sitiou a cidade dos Citas convocou seu generalato e

disse: vamos ficar aqui sem gastar uma flecha, pois dentro de uma semana os Citas vão ter que sair para obterem alimento e água e, nessa ocasião, os massacraremos. Realmente, com uma semana saem das muralhas dos Citas, quatro mensageiros. Um portava um pássaro, outro uma rã, o terceiro um rato e, finalmente, o quarto uma aljava com cinco flechas. Dario alegrou-se, chamou seu generalato e disse: ganhamos a guerra porque os donos da terra estão dizendo que nossa vitória será ligeira como o voo de um pássaro; o rato que vive na terra e a rã que vive nos charcos, são para nos dizer que terra e água dos Citas são nossas e, finalmente, com a aljava cheia de setas, estão os Citas nos informando que ensarilharam suas armas.

Mas esses grandes guerreiros se faziam acompanhar por uma anturragem de sábios, estrategistas, cientistas etc e etc. Então, Gobrias, o sábio da corte interpretou a mensagem dos Citas completamente diferente e disse:

- Dario, meu senhor! A meu ver, o que os Citas querem dizer é: “A não ser Persas, que vocês possam transformar-se em ave e voar, ou em ratos e se enfiarem chão adentro, ou em rãs para se refugiarem nos charcos, saibam que nunca mais poderão escapar desta terra, mas morrerão trespassados por nossas flechas”.

E os Persas foram derrotados...

Isto é para provar que duas pessoas mais ou menos da mesma idade, da mesma nacionalidade, com a mesma cultura, com os mesmos interesses, assistindo a uma mesma cena, podem dar interpretações totalmente díspares.

Dividimos, arbitrariamente, em quatro fases, a história da Neurologia no Ceará, por questão didática.

A primeira fase, ou fase inicial se registra a partir do surgimento do primeiro hospital do Ceará - a Santa Casa de Misericórdia que foi construída em 20 anos, concluída em 10.09.1861, muitos anos depois da construção das Santas Casas de Recife e Olinda.

Seu primeiro médico foi o Dr. Joaquim Antonio Alves Ribeiro, nascido no Icó, em 09.01.1830 e estudou em Harvard. A Neurologia era praticada pelos grandes clínicos, como de uma maneira geral, era no mundo inteiro. Em meados do século XX passou a trabalhar na Sta. Casa, como clínico, o Dr. Adalberto de Moraes Studart, parente próximo do médico e historiador Guilherme Studart, o famoso Barão de Studart.

Em 1948 a Santa Casa, com 350 leitos é oficializada como Hospital Escola da incipiente Faculdade de Medicina que ainda não era federalizada.

Mas a Neurologia, como especialidade médica, no Ceará, passou a existir em 1950, portanto, com mais de 60 anos após a criação da Clínica Neurológica por Jean-Martin Charcot, na França.

O primeiro neurologista foi Vandick Ponte, nascido em Sobral, dotado de grande vigor físico, nadou, diariamente, até seus 94 anos, quando faleceu. Foi aluno de Antônio Austregésilo Rodrigues Lima que fundou o primeiro serviço de Neurocirurgia do Brasil. Estudou em 1945 Neuropsiquiatria na Columbia Presbyterian Medical Center. Foi Livre Docente de Antropologia e Medicina Legal da Faculdade de Direito, Professor de Psicopatologia Forense, Professor de Física da Faculdade de Odontologia.

Naquela mesma época (1945), Adalberto de Moraes Studart Filho especializou-se em Higiene Mental e Saúde.

O interessante é que Vandick se especializa em Neurologia e se torna um dos mais famosos Psiquiatras do estado e Adalberto se especializa em Saúde Mental e se torna o mais famoso Neurologista do Ceará.

Vale a pena nos determos um pouco mais na figura ilustre do Dr. Adalberto de Moraes Studart Filho. Era um gênio, dotado de muita fleugma, como seria de esperar num descendente direto do

Barão de Studart. Certa vez, Ricardo Gouveia, oftalmologista dos mais reconhecidos em Fortaleza, manda seu motorista ao consultório do Dr. Adalberto com um bilhete, pedindo-lhe emprestado um oftalmoscópio. E nada do motorista chegar, apesar dos consultórios não distarem mais do que 30 metros um do outro. Finalmente, depois de quase uma hora, volta o motorista com um minucioso relatório do exame neurológico a que tinha sido submetido, pelo Dr. Adalberto.

Os componentes da segunda fase que chamamos de fase acadêmica, foram Jurandyr Marães Picanço, que foi o primeiro docente da disciplina de Neurologia que se interessou por uma titulação acadêmica, defendendo seu Doutorado (Synreflexia - Associação de Reflexos - 1927) no Serviço do Prof. Austregésilo Rodrigues Lima, Antônio Vandick de Andrade Ponte e Adalberto Studart de Moraes Filho a respeito dos quais já tecemos comentários. O quarto componente da segunda fase foi o Dr. José Sarto Chaves Saraiva que formou-se em Salvador, Bahia, tendo feito residência no Serviço do Prof. Tönnis, na cidade de Colônia (Alemanha) onde estagiou por vários segmentos das Ciências Neurológicas - (Neurologia Clínica, Neurorradiologia, Cineangiografia, Neuroftalmologia, Neuro-otorrinolaringologia e Neuropatologia). Esta última, sob orientação do Prof. K. J. Zülch que foi nosso convidado para o congresso da especialidade em Fortaleza. Apesar de Neurocirurgião, foi lotado na disciplina de Neurologia Clínica e, por último, Carlos Augusto Ciarlini Teixeira que fez brilhante residência em Detroit (USA).

Na terceira fase que chamamos de contemporânea, a Neurologia cearense se engrandece com a chegada de Carlos Maurício de Castro Costa que fez sua residência em Louvain, chegando em Fortaleza em 1980. Era dotado de grande capacidade para aprender línguas, chegando a falar mais de 10 línguas, dentre as quais o árabe. Tinha um grande poder gregário e convidou, em 1981, o Dr. José Arnaldo

Motta de Arruda que trabalhava como Neurocirurgião do Hospital Universitário Walter Cantídio, tendo posteriormente, por influência de Maurício Costa, adquirido excelente qualificação acadêmica, tornando-se Mestre em Neurocirurgia e, finalmente, Doutor pela Escola Paulista de Medicina (1981 - EPM). Ainda como prova dessa capacidade de liderar convidou para a Clínica, dois Neurologistas do Serviço Público - os Doutores Otoni Cardoso do Vale e Wagner de Goes Horta. O primeiro, também por insistência de Maurício Costa se qualifica academicamente, defendendo tese de doutorado, na UFC.

Ainda no que chamamos de 3ª fase, o Dr. Maurício convocou para fazer parte do Serviço de Neurologia do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC), a Dra. Veralice Sales de Bruin, em 1986, advinda de Londres, o Dr. José Ibiapina Neto, em 1990 que acabara de defender doutorado em São Paulo, o Dr. Francisco Marcos Bezerra da Cunha, em 1996 que também defendera doutorado sobre doenças musculares, no Paraná, José Artur Costa D'Almeida e, finalmente, Maria Rizolene Bitu Alencar, ambos em 1996.

A 4ª fase que chamamos de Atual, se caracterizou pela excelente desenvoltura dos componentes do Serviço de Neurologia do HUWC, que atendendo em nove ambulatórios especializados (Epilepsia, Mielopatias, Cefaleia e Dor, Doenças Vasculares, Degenerativas, Desmielinizantes e Neuromusculares, Desordens do Movimento e um Ambulatório de Neurocirurgia) contribuíram para a literatura especializada, publicando no ano de 2006, 39 artigos em revistas qualificadas.

Embora seja difícil falar-se em desenvolvimento destas duas especialidades separadamente, vez que o crescimento de uma, implica no crescimento da outra, tentemos agora, algumas considerações específicas sobre a Neurocirurgia, no Ceará. A primeira Neurocirurgia foi realizada em 1940; tratava-se de um afundamento craniano,

coincidentemente a mesma cirurgia realizada no Brasil, pelo Dr. Picanço, o médico da comitiva de Dom João VI. O cirurgião que realizou o ato - Dr. José de Pontes Neto, um humanista e político da melhor estirpe, foi deputado estadual por cinco legislaturas, pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Curioso dizer-se que Pontes Neto foi cassado pelo Regime Ditatorial de 1964, tendo sido preso político no 23º Batalhão de Caçadores, ocasião em que operou o Comandante Militar da 10ª Região - General André Fernandes que fora seu colega de Colégio Militar.

A segunda Neurocirurgia realizada no Ceará, tratou-se também de um traumatismo cranioencefálico, desta feita, por arma de fogo. No dia 13 de julho de 1950, em pleno campeonato mundial de futebol, no jogo Brasil x Espanha, depois do 2º gol do Brasil, foi interrompida a irradiação do jogo para se comentar sobre um infausto acontecimento. Um cidadão, conhecido pela alcunha “Liga”, dono de famosa tabacaria na Praça do Ferreira, assassinara sua amante, e em seguida, tentara contra sua própria vida, ficando com um projétil de arma de fogo alojado em seu crânio. Os cirurgiões, nessa ocasião, foram os Drs. Abner Brígido Costa, conhecido como Dr. Bié e o Dr. Evandro Studart. Quando fomos alunos do Dr. Evandro Studart, tivemos a oportunidade de indagar sobre o fato, quando soubemos que apesar do sensacionalismo da imprensa local, a cirurgia consistiu em remoção do projétil que caprichosamente se alojara entre a dura-máter e o crânio.

O primeiro especialista em Neurocirurgia do Ceará foi o Dr. José Sarto Saraiva, a respeito de quem já falamos quando da exposição sobre os primórdios da Neurologia. Pouco meses depois, no ano seguinte - 1957, chega o Dr. Djacir Gurgel de Figueiredo que fizera sua especialização com o eminente Professor Elyseu Paglioli, no Instituto de Neurocirurgia de Porto Alegre.

Em 1962, quando ainda fazíamos o quarto ano do curso de medicina da UFC passamos a ajudar o Dr. Djacir Figueiredo, na qualidade de attaché. Até então, o Dr. Djacir era auxiliado, em suas cirurgias, por grandes nomes da cirurgia geral, como os Drs. Paulo de Mello Machado e Newton Gonçalves. Nesse mesmo ano chega a Fortaleza mais um Neurocirurgião - o Dr. Vicente de Paulo Lobo e em 1964 quando parti para minha residência em Neurocirurgia em Porto Alegre, no mesmo Serviço em que fora qualificado como neurocirurgião, o Dr. Djacir Figueiredo, chega o quarto Neurocirurgião do Ceará, - o Dr. Edson Lopes, coincidentemente advindo do mesmo Serviço.

O ano de 1966 registra a criação do primeiro Serviço de Neurocirurgia do Ceará constituído pelos Drs. Djacir Figueiredo, Vicente Lobo e Flávio Leitão.

Em 1969 foi inaugurado o Hospital Geral de Fortaleza, órgão da Previdência, dotado de riquíssimo material e excelente corpo clínico, tendo sido nomeado chefe do Serviço de Neurocirurgia, o Dr. Djacir Figueiredo que levou consigo, a Disciplina de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da UFC. Naquele mesmo ano fomos nomeados para compor o corpo clínico do HGF.

Este hospital testemunhou o grande desenvolvimento da Neurocirurgia no Ceará, como a criação de ambulatório especializado em Hidrocefalia, o primeiro serviço de Eletrencefalografia que tinha à frente, o Neurologista Vicente de Paulo Leitão de Carvalho. Pouco tempo depois, o Dr. Vicente criou o segundo Serviço Público de eletrencefalografia, desta feita, no Hospital da Saúde Mental.

Como resultado do extremado interesse do Dr. Djacir Figueiredo pelo desenvolvimento da Neurocirurgia no Ceará, bem como pelo seu obstinado trabalho criativo foi aprovada a primeira Residência de Neurocirurgia (1973), foi realizada a primeira cirurgia em zona

eloquente cerebral com controle de eletrocorticografia, iniciou-se o tratamento microcirúrgico dos nervos periféricos, utilizando-se no Ceará, o microscópio cirúrgico, pela vez primeira, realizou-se a primeira abordagem transesfenoidal da hipófise e incontáveis outros procedimentos todos realizados pioneiramente.

Vinte anos após a transferência da Disciplina de Neurocirurgia para o HGF ela volta sob a regência de Flávio Leitão, para a Faculdade de Medicina. Vinte e dois grandes eventos científicos foram realizados em Fortaleza, sendo que cinco deles foram presididos pelo Dr. Djacir Figueiredo, oito pelo Dr. Flávio Leitão, três pelo Dr. Maurício Benevides, dois pela Dra. Silvia Lemos, e um por cada um dos Drs. Wagner Horta, Vicente Leitão, Flávio Belmino, Arnaldo Motta Arruda e Otaviano Alencar Araripe. A descrição detalhada de todos esses cursos, congressos e jornadas acontecidos no intervalo entre os anos de 1975 e 2008 encontra-se no Livro *História da Neurologia e da Neurocirurgia no Ceará*.

Curioso registrar-se a realização no estado do Ceará de dois Congressos Brasileiros de Neurocirurgia. O XII e o XXIV, sendo o primeiro em 1976, presidido pelo Dr. Djacir Figueiredo e o último, em 2002, pelo Dr. Flávio Leitão.

A contribuição com trabalhos científicos nesses eventos foi preponderantemente feita pelos Drs. Djacir Figueiredo e Flávio Leitão.

Vale lembrar que além da contribuição de todos os Neurologistas e Neurocirurgiões até aqui citados, outros médicos de várias especialidades se uniram num esforço conjunto para o desenvolvimento dessas duas especialidades no estado. Assim, se constatou quando da aquisição de um Cintilógrafo e do primeiro Tomógrafo para o estado do Ceará. Para detalhes, sugerimos a leitura do Livro *História da Neurologia e da Neurocirurgia no Ceará*.

O ABRAÇO VAZIO.

*“...Nessun maggior dolore / Che ricordarsi
del tempo felice / nella miséria”.*

Dante, Purgatório. Canto II Versículo 79

A lógica dizia-me com toda a ênfase de suas seis letras que eu não poderia estar vendo o que o meu cérebro insistia em informar-me como simples verdade natural. Cheguei a pensar em me morder para saber se dormia ou se estava em vigília, no uso da plenitude de consciência que o Homem adquiriu com a evolução dos seus mais de oitenta bilhões de neurônios . Essa atitude era por demais feminina e dramática para quem sempre se julgara possuidor de extrema tranquilidade de espírito, de equilíbrio monástico dos sentimentos próprios.

E, por outro lado seria uma traição à velha Julita que me ensinara a encarar os fatos da vida, com o estoicismo de quem domina sua afetividade. Sendo o sucedido feliz, permitia-se o esboço de um sorriso nos lábios, nunca uma gargalhada espalhafatosa. *Muito riso, sinal de pouco siso*, dizia ela. Se, por outro lado advinha a desgraça, continha-me na camisa de força de um exagerado controle do sentimento da dor.

Aprendera assim a resistir às agruras impostas pela vida. Sempre portei-me como o Imperador Inca diante dos tormentos impostos pela rica civilização cristã dos guerreiros hispânicos. Frente aos algozes de sua alteza, a “bondosa” rainha de Espanha, permaneceu o indígena nobre com a fâcies da impassividade e do desprezo ao infortúnio.

Mas voltemos ao fato inusitado. Ali na praia persistia a esdrúxula visão. Impossível deixar de sentir sua existência. Ainda não me aventurara a tocá-lo, como fez Tomé nas chagas de Cristo. Temia que o toque desvanecesse sua presença. A inveracidade da cena serviria apenas para reavivar antigas cicatrizes d’alma. Mas claro que era ele, sim! Rindo o riso franco de quem tem a vida toda a seus pés. O

olhar inteligente, a postura, os gestos eram dele, claro. Ninguém, por melhor artista que fosse, o interpretaria com tanta fidedignidade. Difícil acreditar, mas era o que eu via com toda a integridade de minhas capacidades perceptivas.

Entretanto, dado a gostar de explicações para tudo, lembrei-me de curioso fato de épocas passadas. Quando menino ainda, uma dessas pedintes inteligentes, fazendo-se passar por legítima cigana, bateu-nos à porta da casa, implorando esmola. Impunha, com desenvoltura admirável que lhes são peculiar, à voz, um sotaque que parecia mesmo das gentes que migraram da misteriosa Índia para a Europa central, há muitos longos séculos, criando a imperscrutável raça cigana. Vaticinou, sem que para isso tivesse sido instada, em tom de mistério, que eu teria a capacidade de ver além dos sentidos naturais de que são dotados os comuns mortais.

A criança que eu era não valorizou a previsão da “cigana cearense” que se perdeu depois no torvelinho natural da vida. Estaria então naquela agradável manhã de junho, tendo uma visão extra-realidade? As coisas do espírito sempre foram profundamente respeitadas por mim. Oscilo, em estreito espaço, entre o medo e o respeito às mesmas. “Eu não creio em bruxas, mas que elas existem, ah! Existem!” E como não consigo explicar os mistérios, com a lógica dialética, como costumava fazer Sócrates com seus discípulos, sempre prefiro enclausurar-me num manto de preventivo e débil agnosticismo. Assim diminuo a angústia da dúvida e faço desaparecer o risco de ser tido como um vidente, passível do deboche dos cépticos ou da exploração por mentes maldosas.

Lembrei-me então da Madavê, a sensitiva da família, enfeitando-se diante de espelho momentos antes de dirigir-se ao Teatro Nacional e do seu pavor de, ao invés de ver a pintura que fazia nos lábios, deparar-se com o rosto magro e barba por fazer do velho Ribeirinho. Encontrava-se a mais de dois mil quilômetros de distância. No

entanto, por coincidência ou não, naquele exato momento o velho pai expirava. É admirável o poder telepático das mentes!

Desculpem-me a insistência de voltar à cena, mas era tudo muito real. Estava ele ali, sim, a dentadura de puro marfim exposta naquele riso feliz de quem usufrui o gosto de uma vida prazerosa, os olhos vivos a faiscarem de alegria. E para comprovar o fato, não estava só. Era-me um quadro muito familiar, bastante comum aos meus olhos. Estava nu da cintura para cima, de frente para sua jovem mulher que também ria, enquanto quebrava patas suculentas de caranguejo, com um pequeno martelo de madeira. Um filho ao lado, insistindo em mais atenção, ancorava-se em suas pernas. Eu via as garrafas de refrigerante vazias por sobre rústica mesa retangular, de quatro pernas de madeira tosca, coberta por toalha de xadrez de cores fortes, comum aos bares populares de beira de praia. Eu via, meu Deus, porque duvidar? Notei até o detalhe de incontáveis gotículas da água do mar em seu dorso glabro, enquanto que os cabelos, praticamente não estavam molhados; os pés, como se calçasse botas brancas, pela impregnação da areia .

Além do mais invadia minhas narinas cheiro forte de vegetação trazida pelos rios ao seu destino final, o verde mar, espalhada por toda a orla marítima, nos meses de muita chuva. E quanto mais eu observava a cena, mais ela tinha todos os substratos da realidade palpável .

Eu era realmente capaz de ver o passado e o futuro, com a transparência do presente. E não me contive mais. Corri a abraçá-lo pressuroso em matar uma saudade antiga da falta da presença daquele irmão querido.

Como ele me assustara com sua presença insólita, resolvi também lhe pregar um susto. Abordeio-o pelas costas e tentei dar-lhe um carinhoso abraço. Ao fechar os braços ... apertei o vazio... E o choque da realidade me atingiu na minha incontrolada emoção: eu quisera abraçar mais uma vez a quem morrera há já dezessete anos!

ELOGIO A MARIA ADAMIR LEITÃO DE CARVALHO

É um decassílabo que serviu de inexorável fonte de inspiração para seu marido, o poeta e Prof. José Valdivino de Carvalho. Minha mãe nasceu no dia 11 de janeiro de 1911, em Fortaleza, quando a pacata cidade tinha apenas 74.330 almas, pela primeira vez governada por um prefeito, o Coronel Guilherme César da Rocha, e presidia o gigante brasileiro o Marechal Hermes da Fonseca.

O pai, Francisco Ribeiro Leitão, comerciante bem sucedido, era dono do protótipo dos futuros supermercados, a *Mercearia Leitão*, que vendia para a elite especiarias importadas no coração da Praça do Ferreira.

A mãe, Julita Correia Leitão, acreana de origem, transmitiu à filha sua beleza e têmpera de mulher imbatível.

De privilegiada inteligência e grande pendor artístico, aos sete anos acompanhou, ao piano, o famoso Pequeno Caruso, no Teatro José de Alencar, tendo arrebatado emocionante salva de palmas.

Até seus últimos dias de vida, suas delicadas mãos tocaram os grandes clássicos, deixando-nos inebriados pelos seus concertos diários, que nos davam momento de puro êxtase, transportavam-nos para as pomposas cortes europeias, transmitindo-nos uma paz transcendental que nutria os nossos espíritos, propiciava a nossa catarse e nos unia definitivamente.

A graciosidade de suas mãos era tamanha ao piano que inspirou meu pai, o poeta, para compor o soneto *Manus Tuae*, que termina afirmando:

*Minh'alma toda enlevo, então se inclina,
e beijo tuas mãos maravilhado,
plúmeas, mimosas, leves, de menina...*

Em *Recuerdo*, as mãos são também lembradas pelo papai, que finaliza:

(...) numa palavra apreensiva e rouca:

*– Ai de ti! Ai de ti! Não fossem teus
estas mãos, estes olhos, esta boca...*

Com a tez morena, os olhos arredondados, o nariz pequenino e arrebitado, a cabeleira negra e rica a descer-lhe encaracolada, emoldurando-lhe os ombros, o andar de gazela, o corpo esbelto, o colo gracioso e exuberante, com esse aspecto de deusa que Deus gratuitamente lhe concedeu, claro que suscitava suspiros incontidos nos jovens da época. Mas, num 31 de outubro, quando tinha a candidez e a estonteante beleza dos 17 anos, enamorou-se, definitivamente, pelo poeta, que, em imortal soneto intitulado *31 de Outubro*, conclui:

*Relembra, pois, em festa o coração
aqueles olhos, que puseste em mim
e aquele aperto que te dei na mão...*

Era uma mulher sempre feliz, porque amada extremamente pelo esposo, que confessou em *Resignação*:

*Que o amor que tenho é valoroso e nobre,
É como a rosa ou qualquer flor em suma,
Que, quanto mais se amassa, mais perfuma...*

A mamãe, como nasceu no bulício sonoro de uma casa que abrigava a incontida alegria de quatorze irmãos, resolveu imitar sua mãe e trouxe ao mundo, em trabalho de parto patroneado pela parteira Da. Nazaré, nove rebentos. Soube ela apascentá-los com

a tranquilidade de uma santa, corrija-los com o equilíbrio de uma magistrada e educá-los com a forte determinação das damas de ferro que encerram, paradoxalmente, um coração magnânimo de anjo.

Vivendo com um orçamento relativamente reduzido, vez que advindo de um professor de línguas latinas e fiscal federal do ensino secundário, operava o milagre da multiplicação dos pães, propiciando-nos farta alimentação, férias na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro e mantendo-nos em excelentes colégios, exigindo-nos um conhecimento extenso.

Sofreu a amargura de ver a prisão violenta de seu filho mais velho, Tarcísio, na ilha de Fernando de Noronha, pelo golpe de 1964, simplesmente porque pensava politicamente diferente dos generais da época.

Mas, mesmo com alma dilacerada, nunca deixou de embelezar-se frente ao toucador, usando suas melhores vestes, aformoseando-se como princesa, com adornos que lhe eram caros pelo valor sentimental e partindo, todos os dias, manhãzinha cedo, para a Missa da Igreja do Carmo, inicialmente presidida pelo Padre Moacir, depois pelo Padre Gaspar e, finalmente, pelos Padres Vitorino e Pessoa.

O sorriso sempre bailou em seus lábios, mas, se algum infortúnio a importunava, era uma espartana que deixava a lágrima somente para o recôndito do lar.

Tinha um olhar tão lindo e terno que inspirou papai em *Adamirzinha*:

*Estes teus olhos dizem que tu és santa;
Tens o perfume da bonina agreste
E, no semblante, uma beleza tanta,*

*Que um receio horrífico me aterra
De não seres, (quem sabe?) anjo celeste
Que, em forma de mulher, habite a terra...*

A perda de um filho, no esplendor de sua carreira de engenheiro agrônomo – o Fernando –, aos 30 anos de idade, amargurou-lhe tanto a vida que a baixa imunidade, decorrente da irreparável perda, gerou-lhe um câncer que, mesmo na fase excruciante, não conseguiu roubar-lhe a tranquilidade, o estoicismo, a dignidade de rainha.

Ainda hoje, desde o malfadado dia 06/12/1986, vêm-me incontidas lágrimas quando lembro dela. Tão linda, tão presente, tão grandiosa, tão única...

NATAL

Dentro de mais alguns dias, a quase totalidade do mundo ocidental comemora, com júbilo, numa atmosfera de exacerbação dos nobres sentimentos de solidariedade, de magnanimidade e de altruísmo, o nascimento de Jesus, o Rei dos Reis, na província romana de Belém da Judeia ocorrido há 2020 anos.

Engalanam-se os logradouros públicos, às custas de recursos da eletrônica moderna, com luzes coloridas, que se acendem e se apagam, intermitentemente, numa tentativa frustrada de imitar a inigualável beleza das cintilações das estrelas celestiais.

Casas comerciais, num pseudoespírito de religiosidade, aproveitam a oportunidade para estimular o execrável hábito do consumismo, emulado pelo capitalismo ateu.

Nasce, nessa época do ano, como que por geração espontânea, uma emoção de doce enlevo, que se dispersa equanimemente entre as pessoas, apascentando os ânimos, desfazendo ódios, desenvolvendo o sentimento dos sentimentos: o amor ao próximo.

Os estudos relacionados ao nascimento de Jesus enquadram-se na amplidão dos ensinamentos sobre a Natividade. Ali se constata, dentre inúmeros relatos sobre Jesus Cristo, a sorte do recém-nato ao escapar da insânia fúria de Herodes, que, temendo a perda de seu reinado determinara a matança indiscriminada de todos os rebentos masculinos nascidos há dois anos.

Nasceu o Menino Jesus numa manjedoura, por falta de lugar em hospedaria na cidade, no tempo em que se cumpria o censo determinado por Quirino.

Logo após o nascimento, fugindo do morticínio determinado por Herodes, José e Maria exilaram-se no Egito.

A alegria que nos envolve e nos emula a falar sobre a maior festa do mundo cristão, não passou a existir imediatamente após Seu nascimento.

Muito pelo contrário, houve época em que a comemoração dessa grande festa era proibida, como na Inglaterra do século 17, quando o puritano Oliver Cromwell, exercendo suas funções de Chanceler, chegou a determinar a morte de cristãos que, por ventura, se aventurassem a comemorar o nascimento do Menino Jesus.

Na realidade, há poucos informes sobre o nascimento de Jesus Cristo. Couberam a dois evangelistas – Lucas e Mateus – as primeiras citações sobre o nascimento do mais controvertido de todos os judeus.

Em Mateus (1: 18-25), lê-se: “Eis que a Virgem concebeu e dará à luz um filho que se chamará Emanuel, que significa Deus conosco”.

Em Lucas (2: 1-20), lê-se: Estando eles ali, completaram-se os dias dela. E deu à luz um filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio porque não havia lugar para eles na hospedaria”.

Comentam os dois evangelistas que o nascimento do Menino Jesus foi em Belém, na província romana da Judeia, em vez de ter sido na humilde vila de Nazaré, na Galileia.

Os historiadores ligados à Natividade encontram algumas incongruências nas citações dos dois grandes evangelistas, vez que Lucas afirma ter o censo de Públio Sulpício Quirino ocorrido previamente ao nascimento de Jesus enquanto Mateus informa ter Jesus nascido no reinado de Herodes, o Grande que teria falecido 4 anos antes do censo.

O fato é que tais documentos foram escritos como informações teológicas e não como simples relatos históricos.

Por outro lado:

Se a primeira celebração do grande acontecimento do mundo cristão foi no ano de 336 d.C, na cidade eterna de Roma, ou em meados do século II d.C., na misteriosa Turquia, marco divisor entre Europa e Ásia;

Se foi realmente o Papa Júlio I que, após esmerada investigação, proclamou o dia 25 de dezembro do ano de 350 d.C. como o dia do nascimento de Jesus;

Se foi o Imperador Justiniano quem, em 529 d.C., deu a essa data a característica de um feriado nacional;

Se a instituição da comemoração do nascimento de Jesus data do século IV d.C., conforme tradição da Igreja ocidental ou do século V d.C., segundo a tradição da Igreja Ortodoxa oriental:

Se a origem dessa grande festa religiosa foi uma tentativa das autoridades romanas de impedir as manifestações desenfreadas da luxúria e da libidinidade por ocasião da Saturnália, festa permissiva em homenagem a Saturno;

Se o Natal é uma comemoração que corresponde ao sincretismo das comemorações da Saturnália e do Yule, este último uma festa pagã existente na Europa pré-cristã, com a finalidade de comemorar o solstício de inverno do hemisfério norte;

Se foi o nobre italiano Giovanni di Pietro di Bernardone – o revolucionário São Francisco de Assis – que desenvolveu a tradição da lapinha, por volta do ano de 1200;

Se a data do nascimento de Jesus foi adaptada ao chamado calendário gregoriano do Papa Gregório XIII em fevereiro de 1582;

Se a tradição de se ornar o pinheiro como símbolo da época do nascimento de Cristo foi ideia do controvertido monge agostiniano Martinho Lutero que completou recentemente 500 anos de sua Reforma e que ao olhar para o céu por entre os galhos de um pinheiro, viu estrelas como se estivessem coroando aquela árvore;

Se o alentado trabalho de Sir Isaac Newton – Observações sobre as Profecias de Daniel e do Apocalipse de São João, datado de 1733- contribuiu para matematicamente, determinar o nascimento do Cristo;

Todos esses “SE”, caríssimas confradeiras e prezados confrades, minimizam-se, apequenam-se, tornam-se secundários diante dos

ensinamentos da Cristologia, interpretada por mentes brilhantes como a de um Pierre Teilhard de Chardin, Padre Jesuíta francês, a de um Ratzinger, o Papa Resignatário, e de tantos outros homens de boa vontade, bem como possuidores da fé que herdaram de seus pais.

Por isso, aproveitemos a época de Natal para juntarmo-nos à coorte celestial dos anjos, dos arcanjos, dos querubins e dos serafins para glorificarmos o nascimento do Menino Jesus.

Gozemos a alegria imanente do Natal, dando-nos as mãos, e dancemos radiantes a grande ciranda da paz, da aceitação das diferenças, da tolerância, do combate ao fundamentalismo, do culto ao amor ao próximo, ensinamento maior da filosofia cristã.

Rezemos, genuflexos, pedindo ao aniversariante que se apiede de nós e proteja este grandioso País da sanha do capital internacional, da venda graciosa das nossas riquezas naturais, do pré-sal, do titânio, do nióbio, do pulmão Amazonas.

Oremos, com fé e contrição, para que o divino aniversariante nos dê coragem para combatermos o racismo, a xenofobia, o individualismo e o egocentrismo que nos desumanizam.

Que o Menino Jesus incuta na mente dos nossos valorosos militares, guardiães desta Pátria e da democracia, a coragem de defenderem, se necessário com o sacrifício da própria vida, a Base de Alcântara, a soberania nacional.

Supliquemos, do âmagos dos nossos corações, a substituição, por meio do voto, dos políticos desonestos por políticos no verdadeiro sentido socrático, que legislarão com o objetivo maior de diminuir o abissal fosso social, essa espécie de Esfinge que, diariamente, ceifa vidas inocentes e que espera a vinda de um Édipo para destruí-la.

Roguem ao Menino Jesus a coragem de utilizarmos, como mulheres e homens devotados à Literatura todo o nosso denodo e arte, todo o nosso conhecimento para a disseminação da cultura da paz, para a harmonização entre os contrários, para o culto ao amor, à felicidade.

Imploremos ao Menino Jesus, humildemente, que, do alto da Sua glória, neste Seu aniversário, conceda-nos a virtude teológica da esperança de termos um mundo pacífico e próspero.

Por último, mostremos nosso afeto, nosso amor, nosso carinho e nosso respeito ao Menino Jesus, ovacionando-O com uma expressiva salva de palmas.

OBRIGADO!

A COEXISTÊNCIA HARMONIOSA ENTRE OS CONTRÁRIOS

Caríssimas Confreiras e prezadíssimos Confrades,

Permitam-me despir-me da falsa modéstia – que Chamfort, o poeta e humorista francês, disse em *Máximas e Pensamentos*: “é a mais decente de todas as mentiras” – para afirmar que, em matéria de convivência política, de coexistência harmoniosa entre contrários, nenhum dos senhores e nenhuma das senhoras teve o treinamento privilegiado que eu tive.

Durante toda a minha vida, convivi com um santo, o Poeta e Professor José Valdivino de Carvalho. Ele estudou, por seis anos, no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, o célebre Seminário da Prainha, cadinho onde foram plasmados destacados nomes da literatura cearense. Foi portador dos pios galardões do Catolicismo, tais como: Irmão do Santíssimo, Filho de Maria e Ministro da Eucaristia. Politicamente, teve uma fase de adesão ao Integralismo, tendo escolhido a Monarquia como forma ideal de governo. Contribuiu, por inúmeros e ininterruptos anos, com crônicas – às quintas-feiras – no Jornal *O Nordeste*, da Arquidiocese de Fortaleza.

Concomitantemente, sob o mesmo teto, convivi com um agnóstico e ateu que se autodefinia como ‘aspirante a intelectual marxista’, diretor dos jornais *Luta Operária* e *O Popular Democrático*, filiado ao Partido Comunista Brasileiro aos 13 anos, falecendo aos 81 anos, reiterando-se comunista. Este era Tarcísio Leitão, meu estimado irmão mais velho. Um exatamente a antítese do outro em matéria de conceitos filosófico-político-religiosos.

Não posso precisar o total de vezes que assisti, embevecido, a prolongadas discussões dos dois, mas jamais os vi se agredindo, nem sequer um falar mais inflamado. Posso garantir-lhes que incontáveis vezes os dois findavam os debates num largo sorriso!

Meu pai dizia, com a voz mansa e a despreensão dos santos: meu filho, não qualifique um cidadão pelos “ismos”! Comunismo, socialismo, integralismo, capitalismo *et caterva*. Você encontrará excepcionais filantropos, inigualáveis altruístas, invejáveis

magnanimidade de espírito em todos os “ismos”, assim como, dolorosamente, você encontrará seres abjetos, possuidores de extrema vileza.

Quem não conheceu José de Pontes Neto, médico, deputado estadual pelo Partido Comunista Brasileiro em cinco legislaturas, de 1947 a 1964, quando foi cassado pela ditadura militar? Conta-se desse “perigoso” comunista o fato de ter operado um sertanejo na Casa de Saúde São Raimundo, da qual era detentor de 17% das ações. Na visita noturna, constatando o bom resultado da cirurgia, deu alta ao paciente, que, ansioso, lhe segredou:

– Dr. Pontes, não tenho dinheiro para pagar seus honorários e, muito menos, os gastos hospitalares.

O próprio Pontes Neto sugeriu:

– Amanhã, acorde cedo e saia pela porta da frente, como se fora dar uma olhada no alvorecer do dia.

Assim foi feito!

Daí minha capacidade de, tranquilamente, sem qualquer esforço, amar um ser humano, quer seja de direita, quer seja de esquerda.

Neste doloroso período de pandemia, em que se exacerbam os ânimos pelo efeito deletério do prolongado confinamento, com risco de rupturas de antigos laços de afetividade pela não aceitação dos contrários, sigamos o exemplo do Professor José Valdivino de Carvalho e de Tarcísio Leitão: a defesa intransigente de seus pontos de vista de maneira cortês, educada e cristã.

Demo-nos as mãos para juntos participarmos de uma grande ciranda em favor da paz e da harmonia entre os homens, aspirando à alegria, vez que Cristo veio para que todos tenham VIDA e a tenham plenamente!

NÃO CONSIGO TER RAIVA DE POBRE...

Aos 11 anos, por vontade própria e, naturalmente, com o estímulo de um homem probo e ético – o professor e poeta José Valdivino de Carvalho, meu pai - ingressei no Seminário da Prainha, em Fortaleza.

Tempos de grande felicidade passei naquele vetusto templo do saber, onde construí amizades com pessoas de elevada preocupação com os destinos da humanidade. Razão maior porque guardo as melhores recordações do período da minha adolescência.

Lá, almas santíssimas, como as dos padres Gumercindo e Vicente Zico, dentre muitos outros incutiram no meu espírito o conceito de que a maior qualidade do indivíduo era a capacidade de amar o próximo como a si mesmo. Introduziram na minh'alma o “absurdo” da afirmação de que o Homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, não havendo assim, diferença entre escravo e dominador.

Esses sentimentos de tal modo impregnaram meu espírito que não consigo ter raiva de pobre.

Por mais que eles me importunem nos sinais, com seus corpos esqueléticos, cobertos por imundos trapos, fico na obrigação compulsiva de tê-los como meus irmãos.

Por mais que ouça a afirmação de que bandido bom é bandido morto, fico sempre a devanear a possibilidade (utópica?) de vê-lo reintegrado à sociedade.

Por mais que se faça intensa e maciça propaganda contra o partido que também se envolveu com a maldita conduta da corrupção que grassa o País, desde o dia em que chegou D. João VI nestas plagas, não tenho élan em colocar o PT, nos mais quentes lugares do inferno, face ao amparo que ele deu aos pobres.

Principalmente agora que está cada vez mais comprovada a teoria que a derrubada da Presidente Dilma não foi uma faxina da corrupção. Foi, simplesmente uma maneira deselegante de transferir o poder

para outros partidos. Veja-se a amizade do nosso atual Presidente com Joesley, um “reconhecido facínora”, como o próprio Presidente o qualificou em rede nacional da TV .

Como posso odiar um partido que fez, segundo dados do Banco Mundial, o PIB e a Renda *per capita* aumentarem em mais de 300%, permitindo uma multidão de famélicos ascenderem um degrau no patamar das desigualdades sociais?

Como posso odiar um partido que prestigiou a Universidade e o conhecimento científico?

Como posso rejeitar um partido que permitiu à valorosa Marinha Brasileira construir três submarinos, um deles atômico, para proteger a nossa Costa.

Outro defeito meu é não aceitar a afirmação infantil de que o PT levaria o Brasil ao comunismo. A teoria dos médicos cubanos como agentes do comunismo ateu é por demais risível.

Impressionante como nós da classe média temos medo deste fantasma, embutido nas nossas mentes pelo marcartismo. Como aceitar, ingenuamente que qualquer atitude tentando uma divisão mais cristã das riquezas do país, deva ser rotulada de comunismo?

Temos que desenvolver atitudes mais humanas, mais cristãs, mais civilizatórias, esquecendo os rótulos partidários e nos unindo em torno de uma sociedade mais humana, mais igualitária, sem ódios, nem preconceitos, votando em nomes que não tenham qualquer vínculo com a corrupção e preferentemente tenham compromisso com o social.

A VENTURA DE GAMALIELZINHO

Os Martins do Monte tinham sua origem, como a maioria dos que habitavam aquele requintado bairro, no velho Portugal. Se isso, por um lado, dava-lhes certa superioridade e permitia-lhes uma posição sobranceira, por outro lado, deixava-os meio inibidos. Não se aventuravam muito a perquirir origens. Quem sabe tivessem sido seus ancestrais ‘degredados filhos de Eva’, que o Senhor Rei banira num ato de colérica majestade?

De qualquer modo, ou por pura sorte ou por real mérito, a família toda era respeitada, e não havia desvelada mãe que não tentasse o acasalamento de suas filhas com um dos inúmeros varões dos Martins do Monte.

A matriarca tinha estranho nome que o pai, rico latifundiário, na paucidade dos seus conhecimentos, lhe dera: Rimada. Chamavam-na, na intimidade, carinhosamente, Da. Rima. Dourava-se, assim, o esdrúxulo nome. O apodo rimava com o lindo rosto, onde expressivos negros olhos separavam um gracioso e arrebitado nariz, a tez morena como se fora misteriosa moura, o todo de mulher que sabe impor sua vontade pela sabedoria e pela coragem: uma senhora! Habitavam um casarão totalmente rodeado por trabalhadas colunas romanas de puro mármore, que o avô trouxera diretamente da Itália e que sustentavam um largo alpendre, onde a meninada toda fazia suas estripulias, sem chegar a quebrar, com indesejável frequência, ricos *biscuits*.

Para maior pomposidade da casa dos Martins do Monte, o engenheiro a construíra elevando-a do chão, de modo a deixá-la mais alta que todas as outras residências da redondeza, encimada que estava sobre um porão. Destinava-se o mesmo à guarda da desusada parafernália da família e era admitido pelas crianças da região como mal-assombrado.

Dizia-se, em rodas noturnas, de pura charla da meninada, que furtivos vultos de escravos negros, os dorsos nus e reluzentes de suor, passavam esgueirando-se pelas entradas de luz do porão, guardadas por pequenas barras de ferro trabalhado. Não havia por ali menino que não se tivesse quedado diante daquelas entradas, os olhos hipnotizados, à procura de desvendar os mistérios que dela se contavam. Havia até quem jurasse ter ouvido pungidos *ais* dessas pobres criaturas, após estalidos como o de chicote ferindo rija carne.

Nunca se soube até hoje se verdade ou não! Também nenhum dos meninos se aventurara a adentrar tão soturno porão.

Julho era o mês de férias, e Da. Rima, com a costumeira paciência, fizera as malas da família e partira para a indefectível temporada no sítio da serra. Nada mais merecido prêmio que essa viagem para coroar a labuta diária do Dr. Manoel Augusto, que sofria de sol a sol, nos foros da cidade, em homéricas contendas jurídicas, conhecido que era como um dos melhores causídicos. Não que considerasse o lugar de morada pouco agradável – longe disso! –, mas o ar puro da serra, o esmagador domínio do verde, o viço indescritível da pujante flora, tudo era motivo para aquisição de energia, de revigoramento do espírito. Certamente por mera maldade, dizia-se até que o Dr. ‘Manelaugusto’ ansiava por esse período, quando, longe das contendas jurídicas, esquecidos os débitos, adquiria maior vigor sexual. O fato é que voltava toda família numa esfuziante alegria, que ia definhando, lentamente, no correr dos meses, até que novas férias viessem.

A manhã seguinte era uma dessas manhãs frescas de julho. O velho casarão se deixa ver agora, banhado pelo sol de ouro que desenhava, no espaço, fachos tremulantes de luz. Filetes de luz escoavam por dentre as copas orvalhadas das seculares árvores, que, suavemente, emolduravam o pomar.

Em face do primitivismo da cidade, para completar o encanto de tão bucólica manhã, dançavam no ar vaporosas gotículas que emprestavam certo ar de misterioso *fog* londrino, impedindo que as coisas fossem vistas nas suas plenitudes, em virtude da grumosa atmosfera.

Somava-se a isso inusitado silêncio. É que ficaram no casarão apenas os irmãos Tadeu e Gamaliel. Ficara também Teresa de Jesus, esbelta preta, de largas ancas, sorriso puro e branco como um chumaço de algodão, na beleza estonteante de seus 18 anos. Senhora de uma macropigia graciosa e elegante, balouçava sensual nas passadas desprentensiosas da menina mulher. Ficara, segundo ordens maternas, para providenciar o sustento dos dois queridos rebentos que tomavam aulas particulares na tentativa de diminuir a ignorância demonstrada nas notas finais. Deixara-os a mãe com o coração partido.

Apesar do esplendor daquela manhã, Gamaliel acordara com o coração angustiado. Faziam-lhe falta as reclamações constantes da mãe, as refregas relâmpago com os irmãos, dissolvidas sempre com a terrível advertência materna: – Deixa seu pai chegar!

Nem o brilho da manhã o estimulava a debruçar-se sobre os livros. Olhava indiferente para o pomar quando percebeu, de soslaio, a passagem fugidia de Maria Teresa para o velho porão.

Aguçou-lhe a curiosidade! O que levaria aquela serviçal da casa a entrar no lugar menos usado da residência?

Desceu célere a escadaria que desaguava ao lado da porta do porão. Entreabriu-a cuidadosamente, evitando o rangido que as cansadas e enferrujadas dobradiças certamente fariam. E a escuridão desfeita parcialmente, de espaço a espaço, pelas entradas de ar e de luz, mal permitia ver, num canto de grossas e pesadas paredes cobertas de mofo, o perfil desnudo de Maria Teresa, displicentemente

desfazendo o penteado, numa pose que parecia ter sido roubada de Renoir, quando criou o seu *Banhista Ajeitando o Cabelo*.

É preciso esclarecer que Gamalielzinho fora iniciado no mundo das artes ainda muito criança, de modo que tinha a mania, considerada esnobe pelos amigos, de o que visse de belo comparar com obras de famosos impressionistas. Assim, não é de se admirar que a nudez de Maria Teresa o tivesse levado a uma discussão do aspecto puramente estético, trazendo-lhe à mente um sem número de famosos pintores clássicos. Seria de Rubens, de Degas, de Delacroix ou de Cézanne que fora roubada aquela visão?

Lembrou-se do famoso quadro *Toilet de Venus*. Não, decididamente não! Maria Teresa não era opulenta como a Vênus do famoso Rubens nem branca. Muito pelo contrário, sua cor era mais atraente, porque o negro lhe evocava mistério, a vontade imensa de descobrir o desconhecido, mergulhar nele de olhos fechados e deixar que a escuridão transmitisse, por osmose, todos os seus segredos, os seus mistérios...

De repente, sem saber por que, uma gigantesca onda de voluptuosa concupiscência assomou-lhe o espírito, acelerando-lhe o ritmo cardíaco, aquecendo-lhe a alma toda, impulsionando-o em direção àquele maravilhoso quadro. Percebendo a intromissão, Maria Teresa correu como uma gazela assustada, diante da iminência de ataque de maldoso caçador.

Teriam decorridos minutos, horas, séculos? A verdade é que uma corrida desesperada pelo vasto porão travou-se. Percebeu Gamalielzinho que Maria Teresa, propositadamente, ora se deixava quase pegar, ora se afastava lépida, com uma agilidade ferina, escondendo-se em desabalada carreira nos inúmeros cubículos que o porão possuía.

Pobre Gamaliel! Via dois rijos seios agredindo a lei da gravidade, apontando insolentes para os céus dois negros mamilos emoldurados por larga auréola de plúmbea cor, largas ancas alternando-se em movimentos rítmicos na sensual corrida e... não poder senti-los junto a seu corpo de adolescente imberbe!

Num esforço supremo que só aos moribundos é dado mostrar no instante último da vida, Gamalielzinho vence a corrida, e, finalmente exaustos, os poros excitados, deixaram-se abraçar como nunca tinha Gamaliel abraçado, juntando-se tanto um ao outro que já não eram mais dois, pois que se imiscuíram numa autofagia de doce encanto.

No andar superior, o irmão mais velho, ou porque quisesse mostrar falsa cultura, ou porque fosse naturalmente fidalgo, ouvia, numa velha e bolorenta eletrola, uma rapsódia de Paganini. A impureza do som, extraído do cansado disco de cera cheirando a bafio e de combalidas caixas acústicas, o bater cadenciados dos címbalos, o explodir metálico dos pratos e o som estridente dos trompetes e das cornetas serviram de marca-passo à cavalgada amorosa de Gamaliel e Maria Teresa.

Os corpos ora flutuavam harmonicamente, como se fossem regidos por invisível maestro, ora passavam a um ritmo tão ativo e rápido, qual o som do piano que agora se sobressaía, ímpar, na grandiloquência de sua beleza musical.

Veze outras, o tom nasalado dos oboés fazia coro aos gemidos abafados de sua deusa de ébano. É verdade que ele não a queria ver como deusa. Humilde por natureza, Gamaliel achava que a um simples mortal como ele, quando muito, poder-se-ia permitir um relacionamento com uma princesa. Sim, era, sem dúvidas, a dona de tão divinamente esculpido corpo uma princesa africana que viera num desses famigerados navios negreiros.

Talvez o cansaço, talvez mesmo a inebriante sensação de pós-amor fossem responsáveis por sentimentos tão contraditórios que agora lhe açulavam a mente. De um lado, tinha figadal ódio aos que criaram os tais navios; por outro lado, agradecia a Deus, compungido (com os lábios ainda trêmulos de tanto terem sofregamente beijado), o rapto daqueles negros sem o qual não estaria ele vivendo aquele momento.

Enfim, terminada a sôfrega peleja, cessada a eletrizante coreografia daquele idílico amor, arfantes ainda os desnudos e suarentos corpos expostos, num torpor decorrente do natural esforço e do próprio ambiente de vetustas paredes, tendo como travesseiro os macios pelos de sua princesa, Gamaliel adormeceu num desejo de um sono contínuo, perpetuado até as férias vindouras.